

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



Melhor expectativa futura explica avanço do indicador

Confiança do consumidor cresce 0,5 ponto em abril

A confiança do consumidor cresceu 0,5 ponto em abril ante março, o segundo avanço consecutivo, apontou a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) ficou em 84,8 pontos, na série com ajuste sazonal. Em médias móveis trimestrais, o índice diminuiu 0,5 ponto.

"A segunda alta da confiança do consumi-

IE sobe

Em abril, o Índice de Expectativas (IE) teve alta de 0,7 ponto, para 88,1 pontos. Já o Índice de Situação Atual (ISA) avançou 0,1 ponto, para 81,1 pontos. Quanto ao momento atual, a percepção sobre as finanças pessoais das famílias caiu 0,6 ponto, para 70,6 pontos.

Instituto Aviação



Oferta de ações preferenciais eleva capital da aérea

Azul capta R\$ 1,66 bilhão em oferta de ação preferencial

A Azul confirmou, na noite da quarta-feira (23), que a emissão de 464.089.849 no âmbito da oferta pública de distribuição primária de ações preferenciais ao preço de R\$ 3,58 cada, totalizando R\$ 1.661.441.659,42.

A quantidade de ações inicialmente ofertada foi acrescida em 3%, ou seja, em 13.517.180 ações, consi-

derando que 450.572.669 bônus de subscrição atribuídos às ações integralizadas por meio das Dívidas Financeiras.

Com a emissão das novas ações, foi homologado o aumento de capital social da Azul.

Assim, o novo capital social da companhia passará a ser de R\$ 7.131.859.384,34.

Usiminas

A Usiminas apresentou lucro líquido de R\$ 337 milhões no primeiro trimestre de 2025, o que representa alta de 845% em relação ao mesmo período de 2024, nos cálculos da companhia. O resultado do primeiro trimestre de 2024 havia sido um prejuízo de R\$ 117 milhões.

Desaceleração

O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IP-C-S) desacelerou a 0,47% na terceira quinzena de abril, após registrar alta de 0,49% no período anterior. As informações foram divulgadas nesta quinta-feira, 24, pela FGV. A variação acumulada é de 4,44% em 12 meses.

Ebitda

O Ebitda ficou em R\$ 733 milhões, valor 76% superior ao visto um ano antes. A receita líquida, por sua vez, foi de R\$ 6,858 bilhões, alta de 10% ante os primeiros três meses de 2024. A alta da receita foi puxada pelo crescimento de vendas de aço em 3,3% no trimestre.

Meio a meio

Quatro das oito classes de despesas desaceleraram: Alimentação (0,99% para 0,78%), Transportes (0,32% para 0,18%), Habitação (0,46% para 0,36%) e Comunicação (0,31% para 0,28%). Já o grupo de Educação, Leitura e Recreação teve deflação (-0,60% para -0,53%).

CNI: Brasil terá o menor crescimento em cinco anos

Para entidade, aumento do PIB nacional não deve passar de 2,3%

Por Marcello Sigwalt

Atestado inequívoco da desaceleração 'à forceps' da economia brasileira, pilotada pelo Banco Central (BC) para conter a elevação inflacionária, alimentada pelo (des)ajuste fiscal da gestão petista, o país deve colher, em 2025, o menor crescimento do PIB dos últimos cinco anos, não superior a 2,3%.

A projeção consta do Informe Conjuntural do primeiro trimestre do ano (1T25), divulgado, nessa quinta-feira (24), pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), para quem os fatores determinantes da perda de dinamismo econômico doméstico estão associados ao 'crescimento mais lento das concessões de crédito', assim como dos 'gastos públicos', além do arrefecimento na expansão do mercado de trabalho.

Essa última estimativa, inclusive, representa uma retração, ante à anterior, que previa uma expansão econômica de 2,4% este ano, bem como deve ficar aquém, em 1,1 ponto percentual, ao desempenho do PIB em 2024.



Freio nos gastos públicos e nas concessões de crédito determinaram recuo do PIB

O recuo no prognóstico da entidade para 2025 é explicado pelo diretor de Economia da CNI, Mário Sérgio Telles:

"Reduzimos um pouco a projeção de crescimento do país para esse ano, porque a desaceleração da economia está sendo mais forte do que a CNI esperava e porque o Banco Central

dá sinais de que vai elevar ainda mais a taxa Selic".

Como 'pano de fundo' para o 'sufoco' da atividade, basta saber que, diante do avanço da inflação, acumulada em 5,5% em 12 meses, até março último, o BC decidiu ampliar o prazo do aperto monetário, de modo a elevar para o patamar

de 14,25% ao ano (a.a.) a taxa básica de juros (Selic).

A CNI estima que a Selic subirá meio ponto percentual, na reunião de maio do Copom, até chegar no final de 2025 no patamar de 14,75% ao ano. A taxa real de juros deve atingir 9,8% ao ano, bem superior ao 7% ao ano, apresentados em 2024.

Dólar cai pela 5ª vez, cotado a R\$ 5,70

O dólar caiu nesta quinta-feira, 24, pelo quinto pregão consecutivo em relação ao real e fechou abaixo da linha de R\$ 5,70, em meio à expectativa crescente de arrefecimento da guerra comercial. Divisas emergentes e de exportadores de commodities avançaram em peso na comparação com a moeda americana, impulsionadas também por novos estímulos monetários adotados pelo governo chinês.

A percepção é que o presidente americano, Donald Trump, adotou um tom menos belicoso ao acenar com a redução das taxas de importação ao gigante asiático, hoje em 145%. Apesar de os chineses negarem que haja tratativas com os EUA, Trump afirmou no início da tarde que realizou reuniões com a China nesta manhã e mencionou o prazo de "duas a três semanas" para rever as tarifas comerciais.

Com mínima a R\$ 5,6634, o dólar à vista encerrou a sessão desta quinta-feira em baixa de 0,49%, cotado a R\$ 5,6912. A moeda americana já acumula perda de 1,94% em relação ao real na semana. Após recuar nos últimos cinco pregões, a divisa passou apresentar leve queda em abril (0,25%).

Para o gerente de câmbio da Treviso Corretora, Reginaldo Galhardo, a recuperação do apetite ao risco lá fora abriu

espaço para a uma nova rodada de apreciação do real, embora não tenha sido observada nenhuma melhora nos fundamentos locais.

"A perspectiva de que possa haver negociações entre Estados Unidos e China foi o 'driver' do dia para os mercados, que estão em busca de ativos descontados, como a bolsa brasileira", afirma Galhardo, emendando que "a China se mostra relutante, mas deve abrir negociações em breve".

Exterior favorece alta da bolsa: +1,79%



Calmaria externa e fala amena do BC favoreceram bolsa

O Ibovespa alcançou o seu maior nível de fechamento desde 17 de setembro de 2024 ao subir 1,79%, aos 134.580,43 pontos, a partir da junção de apetite a risco global e fechamento da curva de juros doméstica. Foram ao menos três fatores positivos: reunião entre Estados Unidos e China nesta manhã, conforme mencionada pelo presidente Donald Trump; expectativa de que a segunda maior economia do mundo fará mais estímulos, o que pode apoiar preço das commodities; e comunicação mais dovish do diretor de Política Econômica do BC, Diogo Guillen.

O rali se acentuou no início da tarde, quando Guillen mencionou que a moderação da atividade econômica, como está no cenário-base da autarquia, é importante para a convergência da inflação em direção à meta. Com isso, os juros futuros re-

cuaram mais de 20 pontos-base no vértice intermediário e longo, impulsionando as ações cíclicas para liderar o campo de altas, como Hypera (+12,27%, apesar de balanço considerado fraco), Magazine Luiza (+10,80%) e Petz (+9,65%). Pouco tempo depois,

Trump disse que realizou reuniões com a China nesta manhã. O republicano não forneceu mais detalhes, mas a declaração – que ocorreu após Pequim ter negado negociações com os EUA – fez preço. Mais cedo, o presidente americano também mencionou o prazo de

"duas a três semanas" para rever as tarifas comerciais.

"Com os sucessivos recuos de Trump em relação a grandes taxações, os investidores começam a entender que pode até haver uma desaceleração econômica, mas não a ponto de haver uma recessão. A partir do momento em que EUA abrem negociações e pode haver redução de tarifas, a China tende a voltar a consumir mais e isso faz os ativos performarem bem", comenta o analista Inácio Alves, da Melver.

A China também anunciou hoje que reforçará medidas para impulsionar o comércio exterior e enfrentar as tarifas dos EUA. Além disso, o banco central PBoC disse que injetará 600 bilhões de yuans (o equivalente a US\$ 82,34 bilhões) em liquidez no sistema financeiro por meio de sua linha de crédito de médio prazo (MLF) na sexta-feira.

Viés de alta da Selic 'detona' futuros

Os juros futuros fecharam a quinta-feira em queda firme, refletindo a reprecificação das apostas para esta reta final do ciclo de aperto da Selic e também a melhora do apetite pelo risco no exterior. Declarações de diretores do Banco Central (BC) hoje em Washington foram lidas como dovish, em linha com o que já havia dito ontem o titular da pasta de Política Monetária, Nilton David. A precificação da curva mostra

avanço da expectativa de alta de 0,25 ponto percentual no Copom de maio e também das chances de manutenção da taxa básica em junho, com a curva já apontando Selic terminal a 14,75% e abaixo de 14,5% no fim do ano.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou em 14,600%, de 14,677% ontem no ajuste. O DI para janeiro de 2027 tinha taxa de 13,86% no

fechamento, de 13,97% ontem, e a do DI para janeiro de 2029, de 13,60%, de 13,81%.

A queda das taxas era tímida, amparada no recuo do dólar e limitada pela espera da participação do diretor de Política Econômica do BC, Diogo Guillen, em evento da XP em Washington. O mercado queria saber se ele repetiria a linha adotada por Nilton David, que sinalizou que o BC já vê efeitos da política monetá-

ria atuando na economia. Isso, na visão dos players, pode resultar em ação mais comedida no aperto monetário, também considerando as incertezas do cenário externo.

Guillen, visto como o grande "falcão" do colegiado, ratificou as expectativas, dizendo que a moderação da atividade, como está no cenário-base da autarquia, é importante para a convergência da inflação em direção à meta.